



Comunicação Social: Um Campo de Confirmação das Velhas Estruturas de Poder em Tempos de Globalização ¹

Patrícia Gonçalves Saldanha²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Comunicação

Doutoranda (sob orientação do Prof. Dr.: Mohammed El Hajji)

Resumo

Este trabalho tem como eixo central compreender como o discurso de expansão capitalista pelo mundo, que se autopropaga de globalização, vem se organizando na atualidade. É preciso, portanto, observar suas fragilidades e suas outras possibilidades de interpretação no campo da Comunicação Social, que pode, por sua vez, extrapolar a esfera técnica e a esfera midiática e pode ser percebido em dois universos distintos: o dos campos simbólicos e o da comunicação comunitária. A presente reflexão também tenta visualizar as fragilidades teóricas inerentes à construção desta fala. Para tanto o trabalho se divide em três etapas e se sustenta teoricamente nos pilares de Muniz Sodré, Pierre Bourdieu e Néstor Garcia Canclini.

Palavras-chave

globalização; campo simbólico; fragilidade teórica; comunicação social; estrutura de poder

1 Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

2 Doutoranda da Escola de Comunicação da UFRJ (sob orientação do Prof. Dr.: Mohammed El Hajji). Supervisora do Projeto Bolsista Integrado da UFRJ (1o. Ano). Mestre em Comunicação pela ECO/UFRJ (Sob orientação de Raquel Paiva). Com artigos publicados no ALAIC (Bolívia; Argentina e Brasil-recentemente). Membro do LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, com participação efetiva na organização dos eventos do mesmo. Palestrante do último evento do CRIAR Brasil e do evento Caminhos do Pensamento da Fundação Biblioteca Nacional. Participante em diversas bancas de monografia.



Comunicação Social: Um Campo de Confirmação das Velhas Estruturas de Poder em Tempos de Globalização

As novas tecnologias apóiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital (o “turbocapitalismo”), esse processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de 'globalização' e cuja autopropaganda, atravessada pela ideologia do pensamento único, lhe atribui poderes universais de uniformização. Na realidade, esta última característica é mais postulado do que fato, uma vez que a globalização mostra-se claramente regional (os investimentos concentram-se em determinadas regiões do mundo) no seu modo de ação. Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas teletecnologias – globalização, portanto, um outro nome para a “teledistribuição” mundial de pessoas e coisas³.

A partir desta citação de Muniz Sodré em sua obra “Antropológica do Espelho”, este trabalho tem como eixo central compreender como o discurso de expansão capitalista pelo mundo, que se autopropaga de globalização, vem se organizando na atualidade. É preciso, portanto, observar suas fragilidades e suas outras possibilidades de interpretação no campo da Comunicação Social, que pode, por sua vez, extrapolar a esfera técnica e a esfera midiática e pode ser percebido em dois universos distintos: o dos campos simbólicos e o da comunicação comunitária.

Fica nítido que, na construção de sua oratória, a lógica do pensamento único e superior de compreender a vida vem se fortificando e que, conseqüentemente, vem tentando homogeneizar qualquer outro ponto de vista que possa vir a se diferenciar do mesmo. Entretanto, a presente reflexão também tenta visualizar as fragilidades inerentes à construção desta fala e as possibilidades reais de coexistência com formas distintas de construção de identidade.

Nesse diapasão, a argumentação deste trabalho se divide em três momentos. Num primeiro momento, baseando-se na concepção de Muniz Sodré de perceber a globalização e sua relação com a Comunicação Social, o texto discute até que ponto o avanço do desenvolvimento das ferramentas técnicas de Informação e Comunicação promovem de fato uma revolução no panorama contemporâneo ou simplesmente reforçam a ordem de poder que sempre dominou o mundo e que, por mais que mude de nome, ainda continua se mantendo na mesma lógica de controle.

Num segundo momento, o trabalho tenta se posicionar em relação à discussão promovida na primeira parte do texto, ao considerar a globalização um discurso estratégico

3 SODRÉ, 2002, p.11-12



de manutenção de poder das camadas sociais que sempre estiveram ocupando esta colocação. Neste momento, o discurso estratégico se mantém e se constrói na ordem do poder simbólico, sendo para tanto imprescindível a base teórica do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Já a terceira etapa do trabalho, se mostra mais crítica no momento em que põe em xeque a densidade teórica na qual a globalização tenta evidenciar sua construção. Para esta fase, a obra “Globalização Imaginada” de Néstor Garcia Canclini, tornou-se fundamental para demonstrar como sua fragilidade é perceptível, bem como é notável o empenho de acadêmicos que se esforçam para que esta fragilidade não transpareça.

Para finalizar toda esta argumentação a experiência do antropólogo Ludwig Huber foi bastante elucidativa, na medida em que ilustra e demonstra a coerência do pensamento de Muniz Sodré em relação ao empenho das velhas estruturas sociais de se manter no poder.

N.T.I.C.'s: uma revolução de verdade ou um discurso bem articulado?

Uma das argumentações desenvolvidas por Muniz Sodré discorre, com cautela e sensatez, sobre *a relação* do fenômeno da globalização com o campo comunicacional e sua conseqüente influência no reordenamento da Sociedade Civil contemporânea. Ao tratar do tema, Sodré discute a importância de se perceber que o fato das Tecnologias de Comunicação assumirem um papel de destaque na atualidade (devido sua competência técnica) não é suficiente para compreendê-las enquanto revolucionárias, uma vez que, ainda, não se tratou concretamente de nenhum movimento que implicasse ruptura estrutural na formas de organização da Sociedade Civil. Segundo o autor, estes dispositivos tecnológicos permanecem no mesmo âmbito político que sofre modificações representadas por aprimoramentos técnicos, que têm como finalidade a manutenção e a conservação das velhas estruturas (cristalizadas) de poder. Na verdade, a questão tecnológica bem como a questão da eficácia têm se tornado cada vez mais visíveis, devido à grande exposição que lhes tem sido proporcionada pela mídia, quando a abordagem feita às *Novas Tecnologias de Informação e Comunicação* se refere ao tema considerando o que de fato expressa a “*maturação tecnológica do avanço científico*”⁴ como “Revolução da Informação”.

A palavra “revolução” pode revelar-se, aqui, enganosa. Ela sempre implicou o inesperado do acontecimento (portanto, o transe de uma ruptura) e o vigor ético de um novo valor. Revolução não é conceito que se reduza ao da mudança pura e simples, uma vez que seu horizonte teleológico acena ético-politicamente com uma nova justiça....Mesmo do ponto de vista estritamente

4 Idem, *ibid.*, p. 13



material, mutação tecnológica parece-nos expressão mais adequada do que “revolução”, já que não se trata exatamente de descoberta linearmente inovadora.⁵

Neste sentido, torna-se manifesto o louvor outorgado aos discursos que se empenham em legitimar a eficácia das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação enquanto verdade revolucionária, hiper-valorizando a técnica em detrimento da ética, da política e da cidadania. Estes discursos, extremamente eloqüentes, intentam homogeneizar o raciocínio do mundo em torno de uma só referência, como também tencionam produzir uma subjetividade tanto no âmbito individual quanto no âmbito coletivo e comunitário que ratifique categoricamente a verdade suprema da funcionalidade, evitando e desconsiderando assim, qualquer força que se oponha a este novo formato de ordenação do mundo.

Assim, quando o discurso pós-moderno afirma o recomeço pleno de uma nova ordem, não levando em conta as culturas de mediação com as quais estamos acostumados⁶ e, por muitas vezes, desconsiderando o próprio lastro da história no qual ele está contido, pretende estimular a padronização da construção de valores do estatuto do saber que, privilegiam a ciência e, lhe garantem o poder que vem a reboque do domínio deste conhecimento. Portanto, se o sujeito domina um certo aparato tecnológico, como por exemplo, o uso de um computador, ou, se demonstra algum grau de familiaridade com a internet, isto lhe confere uma certa posição de poder em relação ao(s) que não domina(m) a mesma ferramenta.

Esta construção do saber, no cenário global, geralmente, vem temperada com sabor da novidade que, na verdade, não tem o intuito de demonstrar (explicitamente) de forma maniqueísta com a intenção de imbuir neste “novo saber”, valores moralmente bons e de irradiá-los com uma retórica convincente de forma que, ao serem mediatizados, sua percepção, recepção e assimilação sejam facilitadas (sem que se ofereçam maiores resistências). Assim, o “novo” ultrapassa o caráter de novidade, e se reveste de “*uma certa*” diversidade que, doravante, será capaz de conduzir a humanidade ao progresso que, por sua vez, servirá de base para as estruturas sócio-culturais⁷ que, ocidentalmente, incluem a cultura da informação na era da globalização. Desta forma, o sujeito (isoladamente) ou as organizações comunitárias estão sempre a postos e prontas para receber o novo modelo de celular, o novo e mais potente computador, sem se questionar a verdadeira necessidade de tal aquisição. A compra do novo modelo destas “parafernálias” técnicas trazem uma sensação de

5 Idem, *ibid.*, p.12-13

6 “*as culturas de mediação entre nós e o mundo, entre o humano e o não humano (no caso da mídia)*” Prof.: Márcio Tavares do Amaral

7 Cultura ocidental, que é a que nós vivemos e é onde nos reconhecemos.



evolução e de inserção no mundo dos avanços tecnológicos, que representam o progresso. A gama de estímulos para o consumo destes equipamentos é tão grande e bem produzido que age quase que sensorialmente despertando, efetivamente, a vontade de querer pertencer a esta realidade, que não é necessariamente palpável, contudo, é existente, ainda que num outro espaço: no espaço virtual.

Por isso, torna-se relevante para este estudo compreender que existe uma produção de sentido que permeia e deifica o discurso da eficácia, principalmente por duas razões: a primeira é que este discurso é produzido pelo próprio sistema capitalista, financiado pelo mercado transnacional e sustentado por políticas supranacionais que privilegiam a circulação de mercadorias e estimulam o consumo das mesmas; a segunda, é que este discurso é irradiado por este mesmo mercado através da mídia. Estas duas razões consolidam um sentido único, fortificado por um só interesse: corroborar a supremacia do sistema capitalista.

Esta redução de sentido (que não implica, de forma alguma, a diminuição de seu vigor) que alça a “propriedade do eficaz” ao topo do pódio da racionalidade técnica, se justifica por um conjunto ordenado de postulados que autorizam, instauram e tentam transformar o saber tecnológico em uma série de premissas bem articuladas capazes de voltar o olhar do mundo para uma única direção que legitima a formação de um paradigma que reina na atualidade: o consumo.

Globalização: uma grande abertura dialógica ou uma abertura para o exercício das diversas faces do poder ?

Não apenas Sodré constata o processo de difusão do capitalismo pelo globo como uma *“financeirização do mundo capitaneada pela vocação imperial dos Estados Unidos”*⁸. Outros teóricos compartilham deste princípio como por exemplo o *“sociólogo francês Alain Touraine, conjugam globalização com imperialismo americano, mesmo porque as mais expressivas das megaempresas são norte-americanas.”*⁹ Em seu argumento, globalização e consolidação do mercado transnacional são equivalentes, mesmo que a fala amenize esta equivalência. Touraine diz ser

compreensível que essa ideologia difunda-se a partir dos Estados Unidos, pois ela lhes favorece a hegemonia: soa mais elegante dizer que a Coca-Cola, a CNN ou a Microsoft são empresas globais antes de serem norte-americanas, o que, entretanto elas não deixam de ser. Menos compreensível é que o resto do mundo aceite tal descrição ideológica.¹⁰

8 SODRÉ, 2002, p.12

9 PAIVA, 2004, p. 30

10 TOURAINE *apud* PAIVA, op.cit. p. 30

Nota-se aí uma linha de pensamento que considera a política estadunidense como forma de domínio supranacional tanto territorial¹¹ (no sentido sócio-cultural) como econômico e político sobre as outras nações do planeta.

Entretanto, a discussão sobre a globalização se apresenta de forma polifônica. Outros autores e críticos que discutem sobre o fenômeno da globalização, se posicionam fazendo contraponto a esta forma homogeneizante de compreender a globalização. Para o americano Mike Featherstone, um dos maiores especialistas no assunto, torna-se reducionista compreender a globalização como um poder hegemônico de uma nação agindo supranacionalmente sobre todas as outras. Para o autor tal fenômeno representa a abertura de um espaço dialógico entre todos os blocos ainda que haja, neste diálogo, uma hierarquia de poder e uma interdependência entre os países que estimulam a cultura do consumo. Mesmo porque a própria visão de consumo, para o autor, não é monolítica.

Featherstone considera a cultura do consumo de forma positiva, uma vez que não a enxerga apenas enquanto consequência do escoamento de produção de bens materiais para novos mercados, mas percebe ainda duas outras vertentes além da expansão da produção capitalista de mercadorias: a vertente sociológica que, através do consumo, prevê a satisfação e o status como formas de criação de vínculos e de estabelecimento de distinções sociais; a outra perspectiva aporta nos prazeres emocionais consequentes do consumo que podem levar um sujeito aos prazeres estéticos e, até mesmo, à excitação física.

Neste sentido, este viés de Featherstone, amplia e direciona, também, a visão sobre consumo para o campo simbólico. É preciso, portanto, considerar que o consumo de bens simbólicos dilata a esfera dos modos de consumo e altera a lógica do consumo que passa a estruturar maneiras de demarcar as relações sociais através da aquisição de bens de consumo duráveis e não duráveis, ou seja, com aspecto duplamente simbólico referente aos estilos de vida, às relações sociais, ao prestígio, ao gosto e ao status. Esta seria a nova representação do capital: o capital simbólico.

Seguindo esta mesma direção, o sociólogo francês Pierre Bourdieu consolida, como Featherstone, a existência e a importância do capital simbólico, mas sua concepção apresenta certa semelhança à lógica de Sodr e e de Touraine quando traz à superfície da discussão a questão do poder. Para o sociólogo, há uma premissa que deve ser considerada quando se fala

11 “A idéia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica também localizá-lo territorialmente. É o território que à maneira do Raum heideggeriano, traça limites, especifica o lugar e cria características que irão dar corpo à ação do sujeito” (SODR E, 1988, p.23).

de capital simbólico (nas suas vertes econômica, social e cultural): o poder simbólico. Ao tratar do capital simbólico, Pierre Bourdieu não explicita diretamente as relações de poder estadunidenses de produção, mas o autor é bastante claro ao citar que as produções simbólicas agem como instrumentos de dominação. Para ele, o poder simbólico está em toda a parte. Ele afirma que é como se fosse uma espécie de

círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma, é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.¹²

Em sua obra, *O Poder Simbólico*, com o objetivo de compreender este sistema ou sistemas que simbolizam o poder que existe, se manifesta, mas não se mostra com nitidez, Bourdieu procura entender a construção dos sistemas simbólicos em suas formas estruturadas e estruturantes. Para ele, as produções simbólicas estão sempre relacionadas com os interesses da classe dominante e, por isso, a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante e para a integração, mesmo que de forma epidérmica, da sociedade no seu conjunto, por conseguinte, à desmobilização das classes dominadas que, uma vez desarticuladas e desmobilizadas, enfraquecem suas possibilidades de resistência ao modelo societário vigente. Neste sentido, as estratégias de comunicação emitidas e propaladas pela mídia tanto legitimam em escala global (num macroâmbito), as crenças e os gostos como também influenciam as culturas locais (num microâmbito) através das políticas de metanacionalização cultural e através de um discurso aceitável que lhe dá uma aparente forma democrática, facilitando a sua aprovação e diminuindo qualquer possibilidade de conflito. Assim, o poder simbólico é capaz

de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos... ,mas que se define numa relação determinada ... entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos.¹³

Logo, é preciso reconhecer que, quando este tipo de poder atua no campo da cultura, sua força se potencializa exatamente na sua disseminação, na sua difusão, na sua propagação e, principalmente, na sua assimilação. Pois, pelo viés da cultura, a resistência ao novo e tensão também em relação ao novo podem se tornar menos rigorosa do que as nítidas

12 BOURDIEU, 2004, p.7

13 Id. Ibid.



diferenças que atuam no campo da política ou da economia. Então, por isso mesmo, a cultura com o apoio de uma mídia legitimadora, pode ser um espaço ainda muito explorado exatamente pela política e pela economia. Isto porque, o sujeito tem a sensação de liberdade que lhe permite optar por alguma outra alternativa fora do seu campo de referência. Então, a longo prazo, o que poderia parecer enigmático e misterioso para uma geração, pode, pelo caminho da cultura, se tornar absolutamente familiar para as gerações ulteriores às passadas, mesmo que convivam na mesma época. Desta maneira, as mutações sofridas pela cultura não se tornam empecilhos, pois se apresentam como diversidades independente dos juízos e dos valores que possam ser atribuídos a ela.

Em contraponto a esta visão, o campo da cultura pode ser reconhecido, exatamente, como o espaço de resistência ao desconhecido, pois é na cultura que se consolida a identidade do sujeito, de um grupo ou de uma comunidade. Então, a curto prazo, aquilo que é extravagante demais, esquisito demais, ou seja, aquilo que se afasta demais do centro de referência pode causar um choque cognitivo, que, dependendo de seu grau, pode causar repulsa e aversão.

Talvez esta dúvida em relação ao campo cultural em plena época de globalização, desperte a atenção de tantos teóricos que têm apontado suas reflexões sobre este fenômeno não só de forma, global ou local, mas também no âmbito da coexistência de ambas as esferas.

Para o mexicano Néstor Garcia Canclini, *“hoje, Davi não sabe onde está Golias”*. O fato de *Davi* não saber a exata localização de *Golias*, não ilude *Davi* que *Golias* não exista mais. Existe, e não pode ser visto, logo, como lutar contra ele? Como se defender de algo que está ali, mas que não pode ser enxergado? Esta seria uma forma simples de expressar a força do poder simbólico de Bourdieu, mesmo que Canclini não se posicione claramente em relação a este conceito. Em vez disso, propõe que *“o apelo à construção de uma cultura com os movimentos globalizantes pode também ser entendido como a necessidade de ordenar os conflitos entre imaginários”*.¹⁴

A Construção de uma Abertura Cultural : mais uma estratégia de ordenação do capital

14 CANCLINI, 2003, p.10



Para Néstor Garcia Canclini¹⁵, em sua obra “Globalização Imaginada” a diversidade de percepções relativas ao entendimento da globalização e ao excesso de pensamentos em torno deste tema, trazem como consequência uma pane ou uma falta de uma teoria, ou mesmo de um estudo concreto, que dê conta deste processo que se tem estado na ordem do dia desde a metade do século passado, ainda porque, nem mesmo este marco é um consenso entre os pesquisadores que se dedicam a este assunto. Para o autor, o fato da globalização ser um objeto cultural não-identificado traz, conseqüentemente, à tona, as múltiplas narrativas e as metáforas que buscam suprir uma falta deixada pelas teorias e pela política. Segundo Canclini, há várias visões e interpretações distintas do fenômeno que para uns iniciou no século XXI, no início da expansão capitalista e da modernidade ocidental e, para outros, se origina no século XX, a partir da entrada das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação enquanto ferramenta decisiva na articulação dos mercados em escala planetária. Entretanto, fica atento a dois aspectos especificamente: ao discurso propagado pelos ícones do fenômeno da expansão capitalista pelo globo, ou seja, à fala propagada pelos empresários e políticos que sustentam um discurso de que a globalização será o caminho de “*convergência da humanidade rumo a um futuro solidário*” e à fala difundida pelos críticos que “*entendem essa devastação como o processo por meio do qual todos acabaremos homogeneizados.*”¹⁶

A partir daí, nota-se que outros atores sociais despertam o interesse pela cultura como os políticos, os empresários e outros que, como os primeiros, vêem a necessidade de criar “*uma nova cultura do trabalho, do consumo, do investimento, da publicidade e da gestão dos meios informáticos e de comunicação.*”¹⁷ Como se a cultura fosse um atalho direcionável ao reordenamento daquilo que a economia se vê incapaz de decifrar, tampouco a mídia de resolver e o consumo de solucionar.

Então, para Canclini, a invocação da construção de uma cultura da globalização se mostra premente, no momento em que evidencia uma possibilidade de organizar os conflitos entre imaginários que promovem uma multiplicidade de visões e de discursos que tentam atribuir um significado preponderante ao conceito de globalização: uma pequena parte dos

15 Nascido em La Plata, Argentina, em 1o. de dezembro de 1939 e radicado no México desde 1976. Filósofo e antropólogo de formação. Doutorado na Facultad de Humanidades de la Universidad de la Plata na Argentina em 1978, se graduou na Universidade de Paris com a tese Epistemologia e História. Desde 1980 é professor e pesquisador do Departamento de antropologia da Universidade autónoma Metropolitana do México, onde dirige o programa de Estudos sobre Cultura Urbana.

16 CANCLINI, 2003, p. 8

17 Idem, Ibid., p.9



políticos, dos acadêmicos e dos especialistas em finanças pensam numa globalização circular; já o resto, imagina globalizações tangenciais.

Em virtude do destaque dado à questão dos movimentos migratórios e às mudanças conseqüentemente sofridas pelas populações expostas a este processo, tornou-se patente a reflexão

tanto dos movimentos de capitais, bens e comunicações como do confronto entre diferentes estilos de vida e representações. A vertigem e a incerteza provocada pela necessidade de pensar em escala global leva ao entrincheiramento dos países em alianças regionais e a delimitar – nos mercados, nas sociedades e em seus imaginários – territórios e circuitos que, para cada um seriam a globalização palatável, com a qual podem lidar.¹⁸

Nesse diapasão, há uma discussão que tem se mostrado relevante desde o início dos anos 90 em torno da possibilidade de um arranjo metódico capaz de ordenar “*os investimentos, ou entre as etnias, as regiões e os grupos que se misturam rápido demais ou permanecem ameaçadoramente isolados*”¹⁹. Atualmente, tem se tornado urgente, tanto para pesquisas como para o mercado, a “*articulação entre globalização, integração regional e culturas diversas*”.²⁰

Assim, Canclini desconsidera uma tese única em relação à globalização como sendo uniformizadora de todo mundo, uma vez que não há um consenso internacional nem transdisciplinar relativo à sua delimitação conceitual, tampouco ao instante histórico que se iniciou. Essa dissonância, para o autor mexicano, ocorre em função das duas formas diferentes de definir a globalização.

Primeira: os que dão ênfase ao aspecto econômico, considerando a expansão capitalista e da modernidade ocidental, o fenômeno se localiza no séc. XVI;

Segunda: os que consideram também as dimensões culturais, comunicacionais e as políticas que facilitam o deslocamento e o espraiamento do dinheiro, o fenômeno se consolida após a Guerra Fria.²¹ Esta Guerra, que durou aproximadamente 4 décadas, serviu para

18 Idem, Ibid., p.11

19 Idem, Ibid.,

20 Idem, Ibid., p.

21 Com o fim das 2 Grandes Guerras, as indústrias americanas precisavam ocupar suas fábricas com mercadorias a fim de suprir o mercado interno, a Europa que tentava se reconstruir, e os mercados que foram sendo desbastecidos, uma vez que seu continente fornecedor tratava de se reerguer. Entretanto, o período entre-guerras abriu duas vertentes políticas diferentes que serviram, mais tarde, de referência para o mundo. Uma corrente que se fortaleceu com a expansão do “American Way of Life” sedimentada pelo sistema capitalista e a outra que resistia à difusão deste sistema, a corrente socialista. Em meados da década de vinte do século XX, os países do eixo (Alemanha e Itália) se fortaleceram politicamente e formaram um bloco que, apoiado pela Espanha, resistiram à expansão capitalista.

Esta resistência política representada, principalmente pelos países do eixo dividiu o mundo em duas extremidades culminando em 1939 na Segunda Guerra Mundial, que até 1945 envolveu todos os países do mundo e que serviu



consolidar ainda mais a potência estadunidense e para acelerar a indústria bélica norte-americana legitimando sua preeminência em relação ao resto do globo. A partir do fim da Guerra Fria, a expansão capitalista pelo globo tornou-se lúdica para o mundo.

Partindo da 2a. visão, Néstor Garcia Canclini busca situar a globalização diferenciando três conceitos que se referem à economia e à cultura: a internacionalização, a transnacionalização e a globalização. A primeira tem início com as navegações transoceânicas, a abertura comercial das sociedades européias para o Extremo Oriente e América Latina e a conseguinte colonização. Mesmo com a expansão de mercado, havia uma proteção da produção local devido à rigorosidade de leis e controles locais. Já a segunda, tem início em meados do século XX, ao gerar organismos, empresas e movimentos cuja sede não se encontra numa única nação, estimulando a descentralização da produção e internacionalizando a economia e a cultura. Por fim, a globalização, dá continuidade aos processos anteriores, onde a correlação de poder incita a formação de redes que “operam em escala mundial e sobre uma base mundial”²² e que teceram uma teia de interdependência, uma vez que os focos de produção, circulação e consumo encontram-se dispersos. Para complementar este quadro, os fluxos migratórios e turísticos se potencializaram, favorecendo “a aquisição de línguas e imaginários multiculturais”²³ ampliando as políticas de metanacionalização cultural e abrindo a discussão para a divergência conceitual entre “mundialização e globalização”.

Então, para se pensar sobre o global, é indispensável que algumas abordagens sobre a globalização sejam sobrepujadas, especificamente, as que reduzem a globalização a sinônimo de neoliberalismo, enquanto pensamento único acima das lutas ideológicas e quem fugir deste modelo terá sua existência abolida da história. Ou, que se mostram reducionistas, uma vez que subjagam o saber a múltiplas narrativas e não priorizam um paradigma ou um modelo científico para seu estudo.

Neste sentido, para Canclini, não se pode contar com uma teoria unitária da globalização porque além da discordância das correntes que se dedicam a este tema, a fragmentação

é um traço estrutural dos processos globalizadores. Para dizê-lo de maneira mais clara, o que se costuma chamar de “globalização” apresenta-se como um conjunto de processos de homogeneização e, ao mesmo tempo, de

principalmente para o fortalecimento ainda maior das indústrias estadunidenses. Com o lado oriental sendo representado pela URSS, com uma base política fundamentada no socialismo, reagiu ao plano Marshall, proposto (1947) pelos Estados Unidos à Europa, e avançou para o Ocidente dando início à Guerra Fria.

22 Id., Ibid.

23 Id., Ibid.



fragmentação articulada do mundo que reordenam as diferenças e as desigualdades sem suprimi-las²⁴

Assim, o autor afirma haver uma dificuldade de incluir numa única explicação à variedade de implicações que compõem este processo. Neste sentido, torna-se necessário utilizar tanto as metáforas quanto as narrativas que se instalam a partir das insuficiências das políticas e das falhas das estimativas e estatísticas. Todavia, fica evidente a inquietação de Canclini em relação ao excesso de metáforas por demonstrar uma certa fraqueza epistemológica, uma vez que não há uma definição conceitual para tratar de uma teoria que dê conta da globalização.

É imprescindível, contudo, uma vez que a euforia referente à grande abertura e integração mundial não está mais em pauta, que se avaliem as suas conseqüências como “*desemprego, poluição, violência, aumento do narcotráfico*” e se ponha em questão a inevitabilidade da globalização. Então, com o objetivo de compreender melhor a estrutura do movimento globalizante e seus pontos positivos e negativos, o autor definiu alguns pontos elementares, trabalhando em sua obra “Globalização Imaginada” fundamentalmente, com alguns aspectos de ordem teórica e metodológica:

a) a globalização não é um paradigma científico, nem econômico, uma vez que não tem um objeto de estudo claramente delimitado nem oferece um conjunto coerente e consistente de saberes, escorado em um consenso intersubjetivo de especialistas e contrastável com referências empíricas.

b) também não é um paradigma político ou cultural, pois não constitui o único modo possível de desenvolvimento, logo, os conhecimentos disponíveis sobre a globalização constituem um conjunto de narrativas.

c) é o resultado de múltiplos movimentos que implicam conexões entre global e local.

Então, quando Canclini se refere às conexões entre o global e o local, abre uma possibilidade positiva de se perceber a coexistência entre as duas dimensões. Então, pode-se perceber uma nova utilização da N.T.I.C.'s no cenário atual numa situação não plenamente societária, onde as tecnologias da informação ainda podem atuar como dispositivos de incremento de sociabilidade vinculativa, sem abrir mão, neste caso, de sua condição hegemônica.

Considerações finais

Global X Local: uma experiência real de coexistência entre ambas as esferas.

24 Idem, *ibid.*, p. 44



Esta hipótese é condizente à obra “Globalização, diversidade cultural e redefinição de identidades nos países andinos” do antropólogo Ludwig Huber, que resultou do *Programa de Investigação* cujos temas analisados foram: a globalização e cultura; ciências sociais e o consumo em Huamanga; Huamanga como ciberespaço; Troca nas comunidades: Chuschi; e algumas conclusões sobre consumo, cultura e identidade no mundo globalizado.

Ludwig Huber, em sua pesquisa, reinterpreta a noção de espaço como um dado ordenador e não como objeto físico, o que lhe permite compreender a virtualidade real enquanto cultura. Nesta linha, a questão da identidade, no mundo incorpóreo da comunicação virtual, onde cada qual pode assumir personalidades de sua própria criação passa ser fundamental nas questões comunitárias não só no que se refere às comunidades existentes no espaço real (considerando as comunidades de vinculação territorial e geográfica) como também as existentes no espaço virtual que, a partir do domínio de novos códigos de linguagem, se estabelecem através de projetos e interesses comuns e não mais a partir de critérios geográficos. Assim a própria noção da compreensão do sentido de real nas novas dinâmicas da globalização entram em questão, pois o virtual, viabilizado pelas N.T.I.C.'s, passa também a fazer parte da realidade.

Ao reinterpretar o espaço enquanto possibilidade de ordenação e não como objeto físico, o autor dá início à compreensão da cultura da virtualidade real, considerando a Internet como emblemática deste processo, em plena época de globalização.

Busca-se, a partir daí perceber, por que o computador é mais atrativo para seus usuários do que os outros meios de comunicação e nota duas características importantes: a interação e a rapidez.

Outro ponto fundamental no decorrer da argumentação de Huber se refere a uma nova forma de entender a identidade que, uma vez que passa a circular pelo mundo incorpóreo da comunicação virtual, estimula a cultura da simulação. Nesta outra cultura, o espaço virtual passa a não depender mais da territorialidade (no sentido físico e geográfico), permitindo que os usuários possam propor ou mesmo criar a quantidade de informação que desejam sobre si mesmos, e eximindo-os, de certa forma, de responsabilidades pontuais, uma vez que não têm uma localização fixa. Logo, o anonimato permite inventar uma identidade nova.

Outra característica seria relativa ao domínio de novos códigos de linguagem que permitem tanto uma articulação mais eficiente entre os usuários e quanto uma troca mais interessante entre os mesmos (*comercium* – Kant).

Bebendo na fonte de Kant, que entende o *comercium* com espaço de troca, que, por sua vez, seria uma forma de entender o conceito de comunidade; o trabalho reconhece que



por sermos seres sociais (animais sociais – Aristóteles), e por estarmos num momento de individualização do sujeito, foi possível uma retribalização que, através dos meios de comunicação (Internet) possibilitou o início de uma discussão em torno das comunidades virtuais.

Finalizando, discute-se aqui a questão do poder e, por isso, abre-se espaço para que a ética entre no bojo desta reflexão. O poder vem a partir da dominação dos novos códigos, pois a dominação da rede supõe a dominação de uma linguagem específica e de uma competência lingüística . Isto significa que a internet é predominantemente, de um domínio de classe média e que pode reforçar desigualdades sociais existentes, tanto em nível social como em nível global. O que torna coerente o pensamento de Sodré quando afirma que estes dispositivos tecnológicos permanecem no mesmo âmbito político que sofre modifica es representadas por aprimoramentos técnicos, que têm como finalidade a manuten o e a conserva o das velhas estruturas (cristalizadas) de poder.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globaliza o: as conseq ncias humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, 145p.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, 311p.

CANCLINI, Néstor Garcia. *A Globaliza o Imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003, 223p.

FEATHERSTONE, Mike. *Localismo, globalismo e identidade cultural*. Revista Globalismo e Fragmenta o (Sociedade e Estado vol. XI – N1). Jan.-Jun., 1996.

HUBER, Ludwig. *Consumo, Cultura e Identidad en el Mundo Globalizado*. Estudios de caso en los Andes. Lima, IEP, 2003.

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum - Comunidade, M dia e Globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998. 205 p.
_____. *O Espírito Comum - Comunidade, M dia e Globalismo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2004. 175 p.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunica o linear em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002, 268p.

Texto: Teorias sobre a Cultura do Consumo. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo (1979), de Mary Douglas e Baron Isherwood.